
Estímulo ao raciocínio geográfico no fundamental através de uma HQ – Oswaldo Cruz e a Turma da Mônica

ROSÁLIA CALDAS SANÁBIO DE OLIVEIRA*

FABIANA DA CONCEIÇÃO PEREIRA TIAGO**

VIVIANE MOREIRA MACIEL***

ÉRICO ANDERSON DE OLIVEIRA****

Resumo

Esta ação didático-pedagógica relata a evolução do desenvolvimento cognitivo alcançado por uma (1) turma do Ensino Fundamental II, a partir do interesse dos jovens estudantes pelas histórias em quadrinhos, onde ideias desprezíveis sobre a ciência foram sendo investigadas e lapidadas qualitativamente, por meio de uma HQ - OSWALDO CRUZ E A TURMA DA MÔNICA - com a intermediação da professora, nas aulas de Geografia. Apontando, que as histórias em quadrinhos podem servir de suporte para a constituição de conceitos científicos, nesse caso, tendo como foco a vida e obra do sanitarista brasileiro Oswaldo Cruz. A pesquisa

*Departamento de Geociências, CEFET-MG, rsanabio@cefetmg.br

**Departamento de Ciências Biológicas, CEFET-MG, fabianatiago@cefetmg.br

***Colégio ICJ (Instituto Coração de Jesus) – Belo Horizonte - MG, vmmoreiraviviane@gmail.com

****Departamento de Geociências, CEFET-MG, ericoliv@cefetmg.br

ocorreu de forma participante e qualitativa; realizou-se em uma escola particular, ICJ – Instituto Coração de Jesus, no município de Belo Horizonte - MG (Brasil), com alunos do 7º ano do Ensino Fundamental II. As atividades estimularam a curiosidade, a autonomia, o dialogismo, e a elaboração de conclusões pelos próprios estudantes pela troca de informações e um debate coletivo. As orientações teórico-metodológicas situam-se, especialmente, nas teorias de Paulo Freire e Lev Vygotsky.

Palavras-chave: ensino de geografia; ensino por investigação; história em quadrinhos.

1 Introdução

As histórias em quadrinhos passaram a ser estudadas nos ciclos acadêmicos em diferentes esferas do conhecimento, em especial a partir do final do século XX até os dias de hoje; todavia, ainda faltam mais estudos sobre a contribuição das histórias em quadrinhos no campo educacional, notadamente, quanto ao possível impulso no ensino-aprendizagem na sala de aula.

Verifica-se uma quase “ausência” das HQs em processos didático-pedagógicos que almejam encadear o ensino de Geografia e o linguajar específico das histórias em quadrinhos. Com a sua utilização sendo quase esporádica na escola, o que nos causa estranhamento, pois se as histórias em quadrinhos, em seus diversos gêneros, fazem parte do cotidiano dos alunos, por que ainda não foram vistas, adequadamente, como recurso pedagógico?

Embora tenhamos avanços tecnológicos e educacionais nas áreas da informática, neurociência, psicopedagogia, linguística, entre outras, a escola ainda continua como um espaço cristalizado e “detentor do saber” e por essa razão, alheia ao que de fato é relevante ser ensinado entre suas paredes e quais seus sentidos, criando-se um ambiente aparentemente acolhedor, mas que, de

modo geral, é só um simulacro, uma vez que há uma dificuldade estrutural para a sua humanização verdadeira.

Andrade (1976) discorre sobre o relacionamento difícil entre a escola e o direito do jovem aluno em harmonizar “a experiência, o senso crítico, a consciência estética dos que compõem ou absorvem poesia”, fazendo alguns questionamentos;

Por que motivo as crianças, de modo geral, são poetas e, com o tempo, deixam de sê-lo? (...) não estará na escola, mais do que em qualquer outra instituição social, o elemento corrosivo do instinto poético da infância, (...) O que eu pediria à escola, se não me faltassem luzes pedagógicas, era considerar a poesia como (...) veículo de informação prática e teórica, preservando em cada aluno o mundo mágico, lúdico, intuitivo e criativo, que se identifica basicamente com a sensibilidade poética. (ANDRADE, 1976, p. 14)

Reconhecemos que existem tentativas para suplantar-se esse enrijecimento, entretanto, ainda são ensaios tímidos. Se a primeira infância hoje é memória subjacente, tudo o que trouxemos como bagagem de experiências por meio dela deveria ser considerado um rico arcabouço a ser coligado com novas investigações, feitas pelos jovens alunos, dentro e fora da sala de aula.

Na infância de acordo com Paulo Freire (1989), ao narrar parte de suas vivências, usando suas palavras, buscava “a compreensão do meu ato de ‘ler’ o mundo particular em que me movia”. A ‘velha casa’ onde morava, com o seu ‘quintal amplo’, era para o grande pensador o universo de sua ‘atividade perceptiva’, onde deram-se as suas primeiras ‘leituras’ de mundo. E ele continua adiante nessa ponderação:

Os “textos”, as “palavras”, as “letras” daquele contexto se encarnavam no canto dos pássaros (...), na dança das copas das árvores sopradas por fortes ventanias que anunciavam tempestades, (...); as águas da chuva brincando de geografia: inventando lagos, ilhas, rios, riachos. (...) no assobio do vento,

nas nuvens do céu, nas suas cores, nos seus movimentos; na cor das folhagens, na

forma das folhas, no cheiro das flores - das rosas, dos jasmims -, no corpo das árvores, na casca dos frutos. (...) (FREIRE, 1989, p. 9-10)

Então, essas 'leituras' que fazemos durante nossas vidas são potencializadas pela leitura que acontece com o ensino da língua materna, uma vez que ela nos propicia as releituras de nossa humanidade, do lugar onde nos agregamos e das conexões que fazemos com outros semelhantes/mundos. Essa tessitura vai à frente da comunicação ou dos suportes que usamos para facultá-la, ela é identitária. E Freire (1989) mais uma vez, nos instrui sobre essa ligação entre leitura de mundo e da palavra:

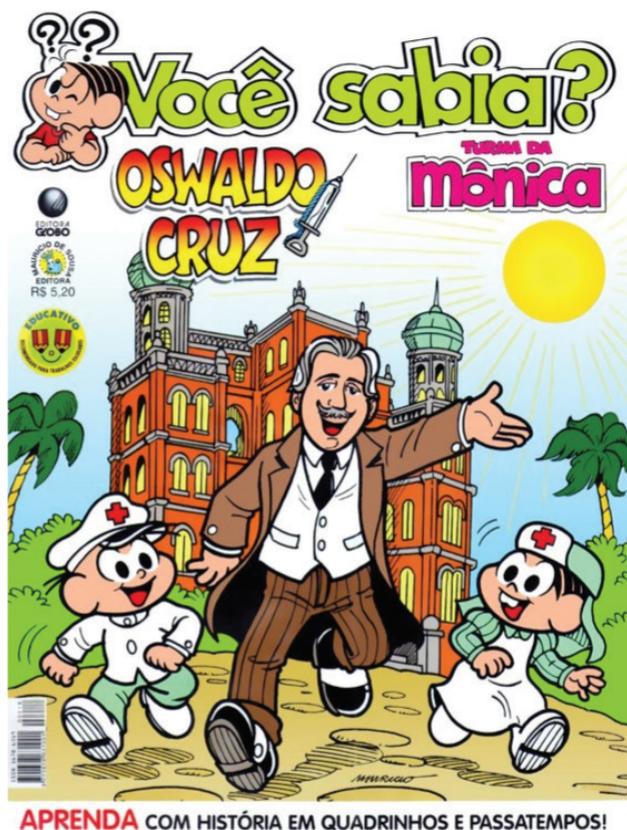
Refiro-me a que a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. (...) Movimento em que a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos. De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de "escrevê-lo" ou de "reescrevê-lo", quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente. (FREIRE, 1989, p. 13)

Dessa feita, o desígnio dessa proposição didático-pedagógica está em refletirmos sobre a linguagem audiovisual contemporânea das HQs, sendo que essa investigação foi efetivada a partir da pesquisa da história em quadrinhos escolhida – Você Sabia? Turma da Mônica: Oswaldo Cruz (Figura 1), criada por Maurício de Sousa. Ela reúne fatos sobre a ciência de uma maneira divertida e estimulante para os jovens alunos, neste caso, uma turma (1) do 7º ano do Ensino Fundamental II do ICJ – Instituto Coração de Jesus, em Belo Horizonte - MG, Brasil.

A HQ trabalhada permitiu a correspondência de interpretações

textuais, imagéticas, intertextuais, interdiscursivas e, do ‘não dito’, que Barthes (2006) define como ‘terno não-marcado’ da semiologia. Para nós, os autores, esse espaço vazio beneficia conjecturas e pode ser complementado com outras versões de quem lê a HQ.

Figura 1 - HQ Você Sabia?
Turma da Mônica: Oswaldo Cruz



Fonte: SOUSA, Maurício de Editora Globo, 2005.

E qual seria a definição das histórias em quadrinhos? Temos que deixar claro que nem entre os especialistas há uma unanimidade! Contudo, reconhecemos que elas são produtos culturais de ‘massa’, um meio de comunicação incluso em determinado contexto histórico-social, e abundantemente lidas por públicos variados, principalmente, crianças e jovens. Sendo que a sua originalidade e ludicidade suscita a curiosidade e a alegria em sua

leitura, e nas palavras de Pessoa (2016), “encoraja o indivíduo a se tornar o coautor das histórias – aspectos que não podem ser desconsiderados pelo autor” (PESSOA, 2016, p. 8).

Roman Gubern (1979) sustenta que as HQs (comics) consistem em

“(…) um medio expresivo perteniente a la familia de medios nacido de la integración del lenguaje icónico y del lenguaje literário”, e que essa incorporação não é recente, tem sua origem na Europa, sendo um mecanismo rotineiro “en las caricaturas políticas del periodismo anglosajón y francés” (Gubern, 1979, p. 105).

Seu exame passa pela análise de pictogramas sucessivos aos quais pode-se anexar componentes de escrita, esse vislumbre vai além da visão linguística das HQs, visto que, da vinculação de “unas unidades significativas con otras nace el ‘montaje’ y con él, se crea el discurso sintagmático del comic” (Gubern, 1979, p. 111).

Ainda em consenso com Pessoa (2016, p. 8), em função dessa característica de público leitor, ele atenta, sobre a consideração quer devemos ter “com a formação desse leitor e com a produção de conteúdo em histórias em quadrinhos”.

E comenta que as HQs são, muitas das vezes, a “primeira mídia de leitura que a criança tem contato” e, conseqüentemente, o alicerce para que esse leitor infantojuvenil tenha acesso a “outras linguagens como a literatura, o cinema, o teatro, dentre outras” (PESSOA, 2016, p. 8).

De acordo com Luyten (1989) as HQs aperfeiçoam a “criatividade e a imaginação da criança” quando bem empregadas, corroboram com a leitura, “e constituem uma linguagem altamente dinâmica” (LUYTEN, 1989, p. 8). E ela prossegue, afirmando que “é uma forma de arte adequada à nossa era: fluida, embora intensa e transitória”, e por possuir essa qualidade, está em constante “renovação”.

Dessa maneira, distinguimos que as HQs devem ser trabalhadas

em sala de aula, tendo-se o cuidado de averiguar-se seus conteúdos e a sua adequação ao perfil dos alunos que a utilizarão, somados aos objetivos explícitos do professor em relação a essa atividade e como pretende aplicá-la.

No atual cenário de pandemia, em meio a ações de políticas públicas desencontradas, faz-se necessário aproximar a linguagem científica dos estudantes do Ensino Fundamental, colaborando para a formação escolar e cidadã dos mesmos. Escolhemos um médico e cientista, um sanitarista que vivenciou situação muito semelhante a que vivemos hoje.

No final do século XIX e início do século XX, Oswaldo Cruz combateu moléstias, protegendo a população brasileira, de forma incansável. Deixou um legado inestimável para a saúde pública brasileira e a história da ciência no país.

Oswaldo Cruz sempre foi preocupado com os inimigos invisíveis da população, os microrganismos patogênicos. Teve uma valorosa conduta no combate ao surto de peste bubônica em importantes cidades portuárias brasileiras em 1899, incluindo o porto de Santos, e veio a assumir a direção do Instituto Soroterápico em 1902.

Durante seu trabalho no Instituto, atual Fundação Oswaldo Cruz, selecionou uma equipe competente de pesquisadores, tornando a instituição um ponto de referência internacional na produção de vacinas e medicina experimental.

Em 1902, o estado do Rio de Janeiro enfrentava graves problemas com a febre amarela, peste bubônica e como responsável por combater estas moléstias, Oswaldo Cruz foi nomeado diretor geral da Saúde Pública. Na batalha contra as enfermidades, deu início às medidas de isolamento dos infectados, combate aos mosquitos e programas de vacinação obrigatórios.

De acordo com Lima e Pinto (2003), em 1909, Oswaldo Cruz deixou a direção da Saúde Pública por motivo de saúde, mas transferiu um legado que se perpetuou com a Liga Pró-Saneamento, responsável pela publicação da revista intitulada “Saúde”. Apesar

de poucos exemplares, a revista apresentava uma linguagem científica informando a população, especialmente rural, sobre higiene e endemias.

Em vista disso, nada mais natural que levar informações científicas para um público infantojuvenil que possui um estreito contato com as histórias em quadrinhos e torná-las instrumentais valiosos para o desenrolar do ensino-aprendizagem.

Embora admitamos todos esses atributos às histórias em quadrinhos, elas continuam subutilizadas em sala de aula, e ainda vistas como uma literatura menor e/ou superficial, o que em nossa concepção, revela uma imprecisão de ponto de vista; um prejulgamento de uma forma de arte de gosto popular, que justamente por ter essa peculiaridade, deveria ser mais reconhecida e estimada.

Nesta mesma linha de raciocínio, Scott McCloud (2005) explica sobre a importância das histórias em quadrinhos e como são enxergadas pela sociedade de modo geral:

Ainda que relegados a uma condição minoritária, os quadrinhos oferecem um inestimável portal através do qual podemos ver nosso mundo. (...) Os quadrinhos, como outras formas minoritárias, são vitais para diversificar nossas percepções de mundo. A melhor maneira de compreender nosso ambiente é nos voltarmos a ele de tantos pontos de vista quanto possível - triangulando sua forma a partir de fora. Para serem uma parte desse processo, os quadrinhos precisam recorrer a necessidades e desejos básicos do homem – oferecendo uma visão de mundo para a qual valha a pena nos voltar. (McCLOUD, 2005, p. 19)

O subaproveitamento das HQs está coadunado com uma perspectiva elitista e preconceituosa da sociedade, como se existissem duas culturas paralelas, uma hegemônica e “erudita”, e uma outra advinda de uma parcela da população historicamente marginalizada (a maioria da população), definida como de baixa qualidade; isso num país multifacetado culturalmente.

Mas, por apresentarem elementos midiáticos e expressivos des-

sa contemporaneidade, as HQs possuem conhecimentos em meio à junção de imagens e palavras, com diferentes nuances discursivas e desnudam em suas histórias, as contradições, artimanhas e jogos de poder existentes nesse mesmo processo civilizatório.

O desdobramento formativo que acontece entre suas páginas, sejam físicas ou digitais, advém na sala de aula ou fora dela, quando o leitor toma consciência do que lê e apropria-se da sua narrativa, fazendo uma transposição entre a ficção e a sua realidade cotidiana, ou seja, quando o leitor conquista o seu “letramento literário”.

Cosson (2006) explicita acerca do que nomina de “letramento literário”, complementando as acepções de Freire (1989). Para Rildo Cosson (2006), “letramento literário é o processo de literatura enquanto linguagem”, uma sequência, “um ato contínuo” em fluxo aberto. Para que aconteça, faz-se necessário que o leitor interaja com a obra em questão, e que nesse encadeamento haja uma partilha de leituras e uma troca das suas interpretações entre pares.

Igualmente, com a ajuda do professor, precisa processar-se uma expansão qualitativa do letramento literário, devendo para isso, incluir no espaço escolar todas as formas de expressões culturais, reforçando que a literatura apresenta-se não só por meio de textos escritos, mas em inúmeras conformações e recursos; entre elas, as histórias em quadrinhos.

Concebemos que as histórias em quadrinhos enquanto estruturas de mensagens audiovisuais, por si mesmas, não são pedagogicamente falando, negativas ou positivas. São sim, um campo fértil a ser semeado, pleno de viabilidades futuras. Apenas poderemos avaliá-las como ferramentas didático-pedagógicas durante o transcurso natural de cada projeto empreendido, e também ao seu final.

E desse jeito, lograrmos fazer a sua apreciação, conscientes de suas singularidades e levando em conta, premissas essenciais para a sua prática (objetivos claros, planejamento, análise

de conteúdos, conhecimento da turma, o que trabalhar e de que forma etc.).

Em torno desse pensamento, nos valem das ideias de Jouve (2002) de seguida;

Resgatar a capacidade leitora dos indivíduos significa restituir-lhes a capacidade de pensar e de se expressar cada vez mais adequadamente em sua relação social, desobstruindo o processo de construção de sua cidadania que se dá pela constituição do sujeito, isto é, fortalecendo o espírito crítico. (JOUVE, 2002, p. 54).

Reconquistar essa capacidade de uma leitura crítica ajudará na formação de um discernimento mais aprofundado. No ensino da Geografia, o chamamos de raciocínio geográfico. Neto (2018) expõe sobre a expressão raciocínio geográfico no ensino, posteriormente:

A escolha pela expressão raciocínio geográfico e não pensamento espacial geográfico, letramento geográfico, alfabetização geográfica é pelo motivo deste estudo leva em consideração aspectos do processo de ensino-aprendizagem na escola por meio de procedimentos teórico-metodológico no qual articule estratégias didático-pedagógico com a fundamentação teórica e metodológica da Geografia. (NETO, 2018, p. 597-598)

Acreditamos que o raciocínio geográfico efetuassem no ensino quando o aluno consegue abarcar o mundo alicerçado em suas experiências de vida, posicionando-se continuamente diante da realidade. Helena C. Callai (2002), realça ainda mais essa concepção em relação a construção do conhecimento ao ratificar:

Não é um processo linear, nem de treinos, mas de construção para os alunos de conhecimento novos, na busca do entendimento das suas próprias vivências, considerando os saberes que trazem consigo e desvendando as explicações sobre o lugar. (CALLAI, 2002, p. 104).

E Callai (2005), ainda progride mais ao descrever a elaboração

do raciocínio geográfico no Ensino Fundamental:

(...) Ler o lugar, para compreender o mundo em que vivemos. Pode-se partir de temáticas, de problemas e, a partir daí, aguçar a curiosidade infantil, traçando os caminhos a seguir. Essas problemáticas devem ser formuladas a partir da realidade do que acontece e do que existe no mundo e, ao serem analisadas, devem considerar as dimensões de espaço e de tempo. Quer dizer, precisam ser situadas em um espaço (...), ser situadas em um tempo, porque todas as ações dos homens são históricas e, como tal, carregam as marcas de seu tempo. (CALLAI, 2005, p. 240)

As atividades empreendidas com o uso da HQ sobre Oswaldo Cruz, fomentaram o raciocínio geográfico dos alunos. Nela foram associados outras (os) metodologias/recursos (pesquisa individual, levantamento do vocabulário científico trabalhado, mural científico, roda de conversa etc.) que promoveram o crescimento do pensamento crítico e o empoderamento dos alunos na elaboração do próprio conhecimento.

A HQ foi lida em variados cenários e mediante os elementos nela apresentados, surgiram outros questionamentos subordinados à sua narrativa e à realidade imediata dos alunos, trabalhando-se por analogias.

Nos estudos de Vygotsky (1984) a capacidade de locução linguística do indivíduo tem um poder considerável, moderador entre o sujeito e a sociedade, contribuindo para o desenrolar dos sistemas de pensamentos; aptidão que se encontraria apenas entre os humanos. No decorrer da linguagem, pela fala, somos capazes de articular experiências e condutas com as funções comportamentais/cognitivas.

Pelos ensaios de Duarte (2001) ao desenvolver sobre os conceitos primordiais da teoria sócio-histórico-cultural, “a totalidade dos fenômenos psicológicos humanos, incluindo a consciência humana, é derivada da atividade prática socialmente organizada”.

E onde existe “a mediação semiótica, os processos simbólicos e os processos cognitivos” são apercebidos como complementares porque eles decorrem das “interações que indivíduos estabelecem na concreta atividade prática socialmente organizada” (DUARTE, 2001, p. 15).

Através de suas rotinas e costumes em meio ao tecido social, é que o indivíduo faz-se sujeito pela linguagem e acontece a intermediação com os artefatos colocados à sua disposição na cultura onde se acha circunscrito. Todas essas circunstâncias produzem o seu amadurecimento, parte dele extremamente enriquecido pelos saberes com raízes histórico-culturais, ou seja, anteriormente elaborados no processo civilizatório e impressos na cotidianidade.

O aprendizado do aluno começa bem antes de sua entrada para a escola, contudo, o aprendizado escolar acrescenta novas particularidades ao seu aperfeiçoamento, predispondo-o a galgar níveis qualitativos de aprendizagem em razão da qualidade das relações sociais. A escola também permite o acesso a um conhecimento organizado, que de modo geral, não está concatenado diretamente à existência da criança/aluno, particularmente nessa sua fase de maturidade intelectual.

Assim, unindo os conhecimentos anteriormente adquiridos - os espontâneos e os chamados de científicos por Vygotsky (1984), obtidos no ambiente escolar, unem-se o aprimoramento real e já consolidado, fruto das vivências e observações da criança com o desenvolvimento potencial que a criança pode alcançar com a cooperação de outro indivíduo.

E Vygotsky (1984), assim expressa: “aquilo que é zona de desenvolvimento proximal hoje será o nível de desenvolvimento real amanhã – ou seja, aquilo que uma criança pode fazer com assistência hoje, ela será capaz de fazer sozinha amanhã” (VIGOTSKY, 1984, p. 98).

O direcionamento da professora compeliu a uma maior comunicação e troca entre os alunos, aumentando a participação, a

autossuficiência de um lado, e a discussão, por outro. Entre os assuntos, discutiram tópicos sobre saúde, desigualdades sociais, acesso às informações científicas corretas, avanços da medicina, papel dos cientistas no passado e na atualidade, meio ambiente, “fake news”, origem e avanço da pandemia da Covid-19, isolamento social e os próprios sentimentos dos alunos ao enfrentarem uma situação de excepcionalidade como a que vivemos agora, quando até os debates foram feitos online, em ensino remoto emergencial.

Como fechamento do debate, a professora enalteceu o mérito do trabalho de Oswaldo Cruz para a ciência, a sua herança como cientista e humanista, e introduziu os conceitos de ética e de resiliência que devemos levar para todos os aspectos de nossas vidas.

A HQ – **‘Você Sabia? Turma da Mônica: Oswaldo Cruz’** é uma narrativa original que convida os alunos a mergulharem alegremente no mundo da ciência, por esse e outros fatores elencados previamente, tornou-se uma ótima ferramenta didática ao fornecer subsídios aos seus leitores, que correlacionaram a vida e obra do cientista Oswaldo Cruz, sua significação para a ciência e a saúde da população brasileira, no seu tempo histórico, para os que vieram depois, para a atualidade.

A estruturação do aprendizado decorreu em um ambiente aprazível por ligar independência, compartilhamento, o lúdico e a afetividade; sendo que as atribuições principais da professora enfatizaram a motivação para as atividades e o sequenciamento das dinâmicas, para que os alunos pudessem se envolver no processo educativo e aprendessem por suas indagações e descobertas. Como exposto, a HQ nesse panorama específico, cumpriu muito positivamente o seu desígnio no ensino-aprendizagem na disciplina Geografia.

Como reflexão do que foi dito até agora, novamente nos servimos das concepções de Sonia Luyten (1989) e a relevância pedagógica das histórias em quadrinhos na educação:

E, por tudo que este meio possa induzir, deveria ser discutido na sala de aula, no sentido de poder desvendar o caráter mitológico e ideológico das ações das personagens que trabalham o comportamento psicológico e social dos seres humanos na sua realidade e em situações concretas. Portanto, é uma questão de coerência educacional observar as ilusões, desilusões e embustes veiculados pelas histórias em quadrinhos nos livros didáticos destinados às crianças. (LUYTEN, 1989, p. 60)

Desse modo, pela vida, obra e voz de Oswaldo Cruz descritas na HQ – ‘Você Sabia? Turma da Mônica: Oswaldo Cruz’, os alunos fizeram conexões entre os eventos e problemas de saúde pública do passado e os que estão acontecendo na atualidade, examinando-os com ponderação, gerando argumentações próprias e lúcidas.

2. Metodologia

A leitura de textos, imagens, histórias em quadrinhos, entre outros meios de comunicação expõem a realidade em que vivemos, ao transformar a apreciação aceita com criticidade, em uma interpretação subjetiva da mesma, tornando-a uma verdade. E onde esse ‘texto’ se encontra, torna-se como afirmam Koch e Elias (2006, p. 7) “lugar de interação de sujeitos sociais, os quais dialogicamente, nele se constituem e são constituídos”.

Os mesmos autores, ainda instruem que os componentes internos dos textos só são captados “pela mobilização do contexto sociocognitivo no interior do qual se movem os atores sociais” (KOCH; ELIAS, 2006, p. 7). Explicam, desse modo, que os inúmeros gêneros textuais propiciam o exercício da vida social e suas interlocuções; as HQs são um gênero textual e nessas atividades auxiliaram, decisivamente, o ensino-aprendizagem na disciplina Geografia, no contexto exposto.

Para tal, articulou-se a experiência e visão de mundo do aluno

no espaço escolar, com o desejo da professora em “amarrar”, no bom sentido, currículo com uma prática agradável para os participantes, numa evolução educativa autêntica, onde os alunos progrediram como personagens preciosos, produtores de seus próprios saberes.

Na prática, não existem respostas prontas, mas experimentações. Nesse sentido, concordamos em uníssono com Vergueiro (2009): “Não existem regras. No caso dos quadrinhos, pode-se dizer que o único limite para o aproveitamento em qualquer sala de aula é a criatividade do professor e sua capacidade de bem utilizá-los para atingir seus objetivos de ensino”. (VERGUEIRO, 2009, p. 42).

É importante precisar que nos PCNs de Geografia para o Ensino Fundamental, o tema saúde aparece como transversal, podendo-se discutir situações como falta de condições básicas de saúde e de subsistência por parte da população, índices de fome, subnutrição e mortalidade infantil, índices de saneamento básico, número de médicos por habitante, condições de atendimento nos postos de saúde e hospitais públicos, a falta de medicamentos para atender a população, entre outros. E em relação à relevância da disciplina Geografia com essa temática, os PCNs sugerem:

Em Geografia, esse estudo dos dados pode ser cruzado com os temas relativos às desigualdades regionais, de distribuição de renda. Pode ser abordado ainda quando se tratar do tema cidade e campo, discutindo os modelos agrícolas e a fome. Além de permitir a compreensão das questões sociais relacionadas aos problemas de saúde, os estudos geográficos relacionados a esse tema também favorecem o estabelecimento de comparações e previsões que contribuem para o autoconhecimento, favorecendo o autocuidado. (BRASIL, 1998, p. 47)

Isto posto, concluímos que é imprescindível que estimulemos o raciocínio geográfico nas aulas de Geografia, estaremos, no mínimo, cooperando para uma educação pela cidadania e com

práticas educativas inclusivas e reflexivas, articuladas com o bem maior da sociedade no seu conjunto. E quando o aluno chegar a esse entendimento aprofundado da realidade, terá perpassado além dos discursos e criado um próprio. Ou seja, alcançará o raciocínio geográfico.

Nesse caso, por meio das atividades postas em prática e mencionadas nesse artigo, os alunos do 7º ano do Ensino Fundamental II, do ICJ – Instituto Coração de Jesus, no município de Belo Horizonte – MG, conquistaram essa assimilação arraçoada da sociedade, analisando-a nos aspectos socioeconômicos, políticos e geohistóricos através da HQ trabalhada - ‘Você Sabia? Turma da Mônica: Oswaldo Cruz’, colocando-se criticamente diante dos fatos.

O andamento das aulas seguiu de maneira prazerosa, em um ambiente virtual, com as aulas no ensino remoto emergencial, com o norteamento da professora.

A seguir, alguns de principais passos realizados nessa proposta didática:

- definição dos tópicos geográficos a serem abordados nas atividades: saúde da população brasileira desde o início do século XX até a atualidade, desigualdades socioeconômicas e Covid-19;
- escolha do gênero textual a ser trabalhado: Histórias em Quadrinhos;
- conversa com os alunos sobre a proposta educativa;
- planejamento das atividades;
- pesquisa informal sobre HQs que contemplassem o tema saúde;
- definição por uma HQ - Você Sabia? Turma da Mônica: Oswaldo Cruz;
- estudo das potencialidades da HQ;
- disponibilização da HQ para os alunos;
- pesquisa em grupos feita pelos alunos sobre a vida, obra de Oswaldo Cruz e a saúde no Brasil desde então;
- leitura da HQ e posterior identificação dos elementos presentes na narrativa: (características da HQ, personagens, situação-

problema, vocabulário científico, contexto histórico-social e geográfico, conflitos e/ou desequilíbrios, desenlace, analogia com a pandemia que estamos enfrentando neste momento no país e mundo, o que aprendemos com Oswaldo Cruz e os cientistas etc.);

- levantamento das dúvidas e dos questionamentos sobre o que foi lido e pesquisado com a mediação da professora no processo;
- os questionamentos levantados pelos grupos puderam ser apresentados por uma multiplicidade de meios: vídeos, dramatizações, poesias, músicas, reportagens, charges, curiosidades etc. (definidos por cada grupo);
- roda de conversa, com data determinada com antecedência e suas regras básicas, apresentação dos trabalhos dos grupos e tomada de conclusões;
- elaboração de um mural virtual coletivo sobre os assuntos abordados e as conclusões realizadas;
- exercício complementar e avaliação das atividades.

3. Resultados e Discussões

O hábito da leitura não é responsabilidade de uma única disciplina, ele é um recurso crucial e plurivalente, sem ele não conseguimos compreender nosso papel social e nem termos voz. O projeto aqui declarado, procurou motivar o “letramento literário” e o raciocínio geográfico com a ajuda de uma HQ, em uma turma do Ensino Fundamental II, a partir do interesse imediato dos alunos.

Na medida em que as aulas iam acontecendo e observações eram feitas, ocorreu um ajuste entre os níveis de leituras dos alunos em relação aos seus espaços vividos e suas investigações. As argumentações aconteceram nas conversas, com uma fruição consciente dessas leituras de mundo. Os alunos “viajaram” na HQ, fizeram uma jornada particularizada por entre as suas páginas,

trazendo os esforços e virtudes do cientista Oswaldo Cruz para a contemporaneidade, e fizeram um diagnóstico analítico da pandemia que atinge o país e o mundo.

Para que sobrevenha esse deslocamento/movimento perceptivo, precisamos transformar a curiosidade em exercício investigativo, e a imaginação em atividade ponderativa. O brilhante Rubem Alves (2004) escreveu: “as perguntas que fazemos revelam o ribeirão onde quero beber”. (...) “Os mundos das crianças são imensos! (...) “Querem águas de rios, lagos, lagoas, fontes, minas, chuva, poças d’água...” (ALVES, 2004, p. 17)

No mesmo livro - ‘O Desejo de Ensinar e a Arte de Aprender’ (2004), Alves indaga se os professores estariam em “ribeirões diferentes” dos alunos, por receio de “se afogarem?”. Estaríamos fazendo o mesmo caminho, com a “repetição da mesma trilha (...) que leva ao mesmo ribeirão” (ALVES, 2004, p. 18).

Que respostas, com base no texto inquietador de Alves (2004), temos para as nossas perguntas interiores? Por essa razão, dentro do concebível, devemos acolher a vivacidade e a energia infanto-juvenil, orientando-as a favor da aprendizagem.

O mero uso das histórias em quadrinhos não transforma informações em conhecimentos e nem uma leitura em raciocínio. As dinâmicas podem ser divertidas, pois a espontaneidade é um traço genuíno dos alunos do ensino fundamental, entretanto, as aulas não podem ser despojadas e soltas, devem ser bem articuladas e idealizadas em conformidade com o avanço cognitivo dos alunos e o ano de ensino.

Se a prática tiver sido agradável, como foi dito na avaliação final e coletiva do trabalho pelos alunos, pode ser que se realize a transposição do ato aprazível de ler para outros gêneros textuais. Para nós, enquanto professores, qualquer gênero textual pode servir para enriquecer a aprendizagem, em qualquer disciplina. Acreditamos que cada material que possa ser usado como recurso pedagógico em sala de aula deve ter suas características avaliadas

e conectadas aos objetivos iniciais do professor. Todavia, continuam sendo apenas “suportes” para o aprendizado.

E como ainda expuseram, os alunos compreenderam perfeitamente os objetivos da proposta educativa, assimilando que as ideias se encontram em muitos sustentáculos, mas, o raciocínio não está nesses suportes, ele é um processo instrutivo individualizado, constante e, coparticipativo. Desejávamos realizar atividades com um viés lúdico e afetivo, que suplementassem o caminho dos alunos na elaboração de um raciocínio geográfico e conseguimos. A HQ – ‘Você Sabia? Turma da Mônica: Oswaldo Cruz’, acolheu todos os nossos objetivos. Os alunos realizaram seus próprios juízos sobre os tópicos estudados e apreenderam o valor da Geografia no exame da complexidade do mundo, e viram que a Geografia está em todos os lugares e meios, vê-la requer uma mudança do ponto de vista.

4. Considerações Finais

As HQs podem ter uma excelente atribuição social e educativa, para além do mero entretenimento e prazer de suas leituras. Devemos trazer para o espaço da sala de aula, na Geografia e demais disciplinas, a alegria e diversão das histórias em quadrinhos, ajustando-as, obviamente, aos desejos didáticos que pretendemos alcançar; como aconteceu nessa experiência, com a produção do raciocínio geográfico pelos alunos, dando significado à aprendizagem.

A HQ foi motivadora, ajudou no aumento do vocabulário científico, despertou a busca por mais informações indo adiante de suas páginas, os alunos perceberam ainda as “gradações” de suas leituras, portanto, as histórias em quadrinhos não são materiais alienantes, possuem discursos que devem ser averiguados. Não são parte apenas do universo infantojuvenil, mas também de

adultos, e deveriam ser mais pesquisadas como aparatos didático-pedagógicos pelos professores de Geografia.

Portanto, enquanto professores de Geografia, somos pesquisadores diários, estudamos, planejamos, elaboramos nossas práticas, esquadrimos por novos cenários. Sob as perspectivas citadas até aqui e que conduziram a pesquisa, demonstramos que as histórias em quadrinhos de fato, quando eficientemente aplicadas em sala de aula, na disciplina Geografia, amparam o progresso cognitivo dos alunos, facultando uma percepção perscrutadora de si mesmos e da realidade. Então, como professores, nos esforçamos para que nossas perguntas sejam respondidas por entre nossa visão da educação e nossas práticas, fazendo uma “Geografia do Possível” e continuaremos estudando, planejando, testando... Pois a nossa profissão é um exercício constante de esperança!

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. A educação do ser poético. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 jul. 1974.

ALVES, Rubem. *O Desejo de Ensinar e a Arte de Aprender*. Campinas: Fundação Educar Dpaschoal, 2004.

BARTHES, R. *Elementos de Semiologia*. São Paulo: Cultrix, 2006.

BRASIL. *Parâmetros Nacionais Curriculares (PCNs)*. Geografia. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o Mundo: a Geografia nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. *Cad. Cedes*, Campinas, v. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005. Disponível em: <https://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 13 ago. 2020.

CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A.C. (org.). *Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano*. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2002. p. 83-134.

COSSON, R. *Letramento Literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

DUARTE, Newton. *Vigotski e o “aprender a aprender”*: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. Campinas, SP: Autores Associados, 2001. (Coleção educação contemporânea).

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 4)

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *A trajetória do médico dedicado à ciência*. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/trajetoria-do-medico-dedicado-ciencia>. Acesso em: 10 ago. 2020.

GUBERN, Roman. *El Lenguaje de los Comics*. Barcelona: Ediciones Península, 1979.

JOUVE, Vincent. *A leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2002

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.

LIMA, A.L.G.S. PINTO, M.M.S. Fontes para a história dos 50 anos do Ministério da Saúde. v. 10, n. 3, p. 1037-1051, 2003.

LUYTEN, SONIA M. BIBE (org.). *Histórias em Quadrinhos – leitura crítica*. São Paulo; Edições Paulinas, 1989.

MCCLOUD, Scott. *Desvendando os Quadrinhos*. 2. ed. São Paulo: Makron Books, 2005.

NETO, Daniel R. S. Luz. Raciocínio Geográfico no Ensino de Geografia: Discussões Preliminares. In: FÓRUM NACIONAL MEPEG DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA., 9., 2018. *Anais [...]*. Caldas Novas/GO, 19 a 21 ago. 2018.

PESSOA, Alberto Ricardo. *A linguagem das histórias em quadrinhos: definições, elementos e gêneros*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2016.

VERGUEIRO, Waldomiro e RAMOS, Paulo (org.). *Quadrinhos na educação: da rejeição à prática*. São Paulo: Contexto, 2009.

VYGOTSKY, Lev S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

Data de submissão: 29 de junho de 2021

Data de aprovação: 06 de outubro de 2021

